

Contribuições de Paul Singer para o entendimento da “questão urbana” no Brasil ¹

Daniel Pereira Sampaio²

Resumo

O artigo pretende discutir as contribuições de forma integrada do economista Paul Singer para o entendimento da questão urbana no Brasil focando nos seus desenvolvimentos a partir das obras Economia Política da Urbanização, Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana e Dinâmica Populacional e Desenvolvimento. A conclusão é de que o autor apresenta um enfoque abrangente e aberto da questão urbana, o que lhe possibilita interpretar a problemática urbana brasileira de uma forma original e por um enfoque globalizador, sendo de grande importância o seu resgate para a compreensão da formação e os debates contemporâneos do urbano no Brasil.

Palavras-chave: Paul Singer, 1932-; Economia urbana; Intérpretes do urbano.

Abstract

The article discusses the contributions of an integrated economist Paul Singer to the understanding of urban issues in Brazil, focusing on their development from the works Political Economy of Urbanization, Economic Development and Urban Evolution and Population Dynamics and Development. The conclusion is that the author presents a comprehensive and open approach to the urban issue, which enables him to interpret the Brazilian urban problems in an original and a globalizing approach, being of great importance to her rescue to understanding the formation and contemporary debates in urban Brazil.

Keywords: Paul Singer, 1932; Urban economy.

Introdução

Paul Singer contribuiu substantivamente para o entendimento do desenvolvimento urbano no Brasil. Construiu um método aberto e abrangente de análise voltado para o urbano e sua complexidade baseado num enfoque globalizador, ou seja, uma busca pro uma “economia política da urbanização”.

(1) Trabalho apresentado como parte da avaliação da disciplina HO030 - Política Econômica e Desenvolvimento Urbano, ministrada pelos professores Dr. Carlos Antônio Brandão e Dr. Humberto Miranda do Nascimento.

(2) Mestrando em Desenvolvimento Econômico, Espaço e Meio Ambiente da Unicamp. Área de Concentração: Economia Regional e Urbana. Bolsista CNPq. E-mail: danielpereirasampaio@gmail.com.

De acordo com o que está contido na literatura consultada, destacam-se como influências para a construção do método de análise Marx, Myrdal, Keynes, Rosa, dentre outros.

Além disso, Paul Singer realizou análises concretas do urbano no Brasil, utilizando-se largamente da sua construção metodológica. Dessa forma, foi um autor que contribuiu para o entendimento da formação econômica brasileira e de sua territorialidade. Afinal, como afirma Park (1991, p. 1): “a história mundial é a história do homem na cidade” bem como se pode ver em Singer (1980, p. 12) “A cidade é, via de regra, a sede do poder e portanto da classe dominante”. No sentido do esforço para compreender a dinâmica territorial brasileira, fica clara a influência de grandes autores nacionais como Celso Furtado e Caio Prado Jr., dentre outros, no desenvolvimento de sua argumentação. Cabe destacar o prefácio escrito com muitos elogios por Florestan Fernandes para sua obra “*Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*”, resultado de sua tese de doutoramento, obra esta que contém uma análise de cinco casos concretos do urbano no Brasil: São Paulo, Blumenau, Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre.

Paul Singer teve (e ainda tem) papel ativo na política nacional, como, por exemplo, na atuação como docente na USP (Universidade de São Paulo), na fundação do CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) e do PT (Partido dos Trabalhadores), e na liderança que exerce em seu atual tema de pesquisa, a Economia Solidária, atuando como Secretário Nacional de Economia Solidária no Ministério do Trabalho e Emprego.

O presente trabalho visa recuperar os principais tópicos relativos à economia urbana e à contribuição para a interpretação do urbano no Brasil do economista Paul Singer. Para tal, busca regatar os elementos centrais e de forma integrada de três de suas obras – visto que apresentam, em muitos aspectos, grande coerência – a saber: *Economia Política da Urbanização*, *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*, e *Dinâmica Populacional e Desenvolvimento*. Dentro de uma limitação, realizar-se á o diálogo de Paul Singer com outros autores nacionais que discutiram temas relacionados com a problemática em questão.

Vale destacar que todos os estudos referenciados foram realizados na década de 1960 e 1970. Naquela época a fase do capitalismo como uma “financeirização global”³ ainda estava nascendo no mundo, não se manifestando

(3) Para o tema da financeirização sugere-se Braga (1997), Marques e Nakatani (2010) e Chesnais (2005).

no Brasil. Dessa forma, é necessário colocar de antemão que seria necessária a busca por uma atualização e criação de novas categorias em relação as que foram utilizadas por Paul Singer para a compreensão do urbano e do desenvolvimento econômico na época atual, qual seja, a das finanças globais. Porém, esse não é o objetivo deste trabalho, embora em certos momentos levantem-se questões sobre as problemáticas recentes.

Na pesquisa realizada ficou sugerida a identificação de três grandes temas inter-relacionados nas obras supracitadas de Paul Singer e que tem implicações para o urbano: Desenvolvimento Econômico; Urbanização; e População e migrações. Assim, adicionada às conclusões, o presente artigo será subdividido.

Vale destacar que esta divisão é apenas uma tentativa de organizar o pensamento do autor segundo uma lógica. Não se trata de buscar, de modo algum, um “método de Paul Singer” que possibilite uma análise de todo e qualquer urbano. Até porque isto seria impossível e contra o próprio autor que valoriza, segundo entrevista concedida a Mantega e Rego (1999) a criatividade, a sensibilidade e a inteligência.

Paul Singer apresenta o desenvolvimento econômico como uma autonomização do setor de mercado interno frente ao setor de mercado externo, que é possível quando o país realiza a sua Revolução Industrial bem como as mudanças estruturais decorrente desta mudança. O setor de mercado interno é praticamente o urbano, e este urbano necessita e causa um movimento territorial de pessoas, ocorrendo assim, as migrações que se aglomera e se ocupam do espaço, transformando novamente o urbano.

O presente artigo leva em consideração a idéia de que “a temática territorial urbana nunca deveria ter abandonado o campo da economia política do desenvolvimento” (Brandão, 2007, p. 29). Nesse sentido, justifica-se o resgate às idéias de Paul Singer para a compreensão histórica do desenvolvimento urbano no Brasil. Além disso,

Os fatos relevantes para a história política e social do país parecem ter sido sempre, desde o séc. XIX, a apropriação privada do território, as migrações rurais e rural-urbana compulsórias da população, em busca de terra e trabalho, além da centralização e descentralização do próprio domínio do Estado nacional, ora férreo, ora frouxo, sobre um “pacto federativo” que se revelou sempre precário desde a nossa constituição como país independente. Ordem e Progresso sempre significaram domínio sobre a terra e as classes

subordinadas e acumulação “familiar” de capital e de riqueza, qualquer que fosse a inspiração ideológica, positivista ou liberal, das elites no poder (Tavares 1999, p. 455).

1 Uma idéia de desenvolvimento econômico

Para compreender o processo de desenvolvimento Paul Singer primeiramente divide economia nacional no setor de mercado interno (SMI), no setor de mercado externo (SME) e setor de subsistência (SS). Na economia colonial o setor que puxa a economia é o SME, sendo que o crescimento do SMI e do SS ficam subordinados ao primeiro.

Pode ocorrer que as atividades do SME – como o transporte, armazenamento, embarque e desembarque, etc – contribuam para o crescimento das cidades ao elevarem a demanda pelos serviços urbanos. Estes serviços urbanos são consumidos no próprio país e por isso se distingue do SME, porém totalmente subordinado ao desempenho deste (Singer, 1977, p. 43-44). Pode-se afirmar que na economia colonial existe uma relação direta entre o SME e o SMI, sendo que o determinante é o primeiro.

Nesta visão, o processo de desenvolvimento se dá por uma *ruptura estrutural*. O SMI passa a ter um crescimento autônomo em relação ao SME e começa a apresentar um processo de substituição de importações. A produção industrial interna passa a competir com os bens produzidos pela indústria estrangeira pelo mercado nacional, transformando-se no setor condutor da economia nacional, tomando a frente do SME e subordinando o SS à sua dinâmica (Singer, 1977, p. 15).

De acordo com Paul Singer, são dois os estágios do desenvolvimento. O primeiro é caracterizado pela substituição de importações de bens de consumo, com larga utilização de mão-de-obra e com baixa escala de produção. O segundo momento é dado pelo estabelecimento de indústria de bens de consumo duráveis (Singer, 1988, p. 54). Também é relevante para a análise a observação da pauta de importações, pois indica o nível de desenvolvimento produtivo nacional.

Fica sugerido uma possibilidade de um terceiro estágio do desenvolvimento que estaria relacionado com os bens e serviços ligados à Terceira Revolução Industrial e sua disposição no território.

Para que o desenvolvimento de fato ocorra é necessária uma mudança da correlação de forças, na qual o SMI passa a ter o controle do processo político, fazendo seus interesses prevalecerem e conduzir o processo de desenvolvimento. Sobre a atualidade histórica da necessidade de uma mudança na correlação de forças no Brasil, Fiori (1994, p. 126) argumenta:

[O Estado] apesar de autoritário, (...) foi fraco frente aos interesses privados devido ao alto grau de internacionalização das decisões de investimento da economia, e devido ao tipo de pacto político interno que o fragilizou no plano fiscal obrigando-o a submeter seu projeto a um padrão de financiamento que se tornou insustentável depois dos anos 70. Fatores que explicam, igualmente, sua rigidez protecionista e o caráter socialmente excludente da economia e da sociedade que contribuiu para forjar desde os anos 30.

São apontados como bons indicadores de desenvolvimento (1) a proporção que o SMI produz sobre o PNB (2) a expansão do SMI não é resultado da expansão do SME (“SMI autônomo”) e (3) especialização e redução relativa do SS. Para se analisar o crescimento autônomo do SMI, são sugeridos em relação ao PNB a participação da (a) indústria de transformação (b) construção civil e (c) água, gás e eletricidade (Singer, 1988, p. 44, 46).

Para o Brasil atual, cabe apontar para o processo de desindustrialização por que passa o país e o processo de desconcentração produtiva⁴, bem como o “lugar” do capital nacional e sua órbita de valorização. Na avaliação de Lessa e Dain (1982), por meio de uma “santa aliança”, ou seja, uma relação simbiótica entre o capital nacional⁵ e o capital estrangeiro - na qual as premissas básicas são as reservas de mercado para o capital nacional nas órbitas não industriais e de que o lucro do capital nacional não irá afetar o lucro do capital estrangeiro - papel de grande importância é dado para o capital imobiliário. Vale destacar

(4) Para a desindustrialização no Brasil sugere-se Comin (2009), IEDI (2005, 2007 e 2008), Haguenaer (2001). Para a desconcentração produtiva ver Cano (2008).

(5) Holanda (2006, p. 137) sobre a “aversão das virtudes econômicas” do povo português assim se expressa: “O que principalmente os distingue [espanhol e português] é, isto sim, certa incapacidade, que se diria congênita, de fazer prevalecer qualquer forma de ordenação impessoal e mecânica sobre as relações do caráter orgânico e comunal, como o são as que se fundam no parentesco, na vizinhança e na amizade”. “Toda essa transferência de atividades do campo à cidade parece ser motivada por uma exigência técnica da produção industrial: a aglomeração espacial das atividades – que se traduz em sua urbanização – parece ser um requisito de sua crescente especialização e conseqüente complementaridade” (Singer, 1980, p. 33).

a seguinte passagem que mostra um aspecto da construção civil: “Diretamente, pela demanda de materiais e indiretamente via emprego e ingressos urbanos, o capital imobiliário determina as condições de realização da produção de amplas parcelas do capital industrial” (Lessa; Dain, 1982).

O conceito de capital incorporador, que é um organizador do espaço econômico e controla o processo de construção de moradias, amplia a possibilidade de análise porque o capital incorporador modifica o território, criando espaços de segregação social pela sua diferenciação (Silva, 1992).

Retornando ao Paul Singer, a distinção entre crescimento e desenvolvimento fica clara, pois pode ocorrer crescimento sem desenvolvimento. O desenvolvimento deve ser considerado principalmente como a realização da Revolução Industrial, mas não só, porque se faz necessário uma mudança estrutural que conta inclusive com variáveis chamadas de não-econômicas. Contudo para os países em desenvolvimento crescerem, é necessário que se desenvolvam porque as transferências das atividades do campo para a cidade induz o crescimento (Singer, 1988, p. 13).

Fica claro, portanto, que o desenvolvimento significa um aumento da urbanização, pois o SMI representa o urbano⁶. Dessa forma, pode-se depreender que o desenvolvimento passa necessariamente pelo processo de urbanização, com a concentração de atividades num dado território. Para Singer (1980, p. 11-13), a “civilização urbana” se caracteriza pela produção ou captura do excedente alimentar que permite à população dedicar-se a outras atividades, que não seja a produção de alimentos, bem como pela criação de instituições sociais e transferência do mais-produto do campo para a cidade.

A população terá um papel de grande importância no processo de desenvolvimento, pois contribuirá de vários aspectos do desenvolvimento, como, por exemplo, a tecnologia⁷, o mercado de trabalho, o mercado consumidor, dentre outros. Nesse sentido, o SS tem importância decisiva para que o processo de

(6) “Toda essa transferência de atividades do campo à cidade parece ser motivada por uma exigência técnica da produção industrial: a aglomeração espacial das atividades – que se traduz em sua urbanização – parece ser um requisito de sua crescente especialização e conseqüente complementaridade” (Singer, 1980, p. 33).

(7) “(...) o ritmo da inovação tecnológica depende mais do qualquer outro fator, do tamanho da indústria, que reflete o do mercado” (Singer, 1988, p. 77).

desenvolvimento seja possível. Contudo, tal discussão e seus encadeamentos ficarão para os próximos tópicos.

Para o processo de desenvolvimento, além dos elementos já citados, cabe destaque ao surgimento de um mercado de capitais para fins de financiamento. O desenvolvimento deste mercado de capitais estaria necessariamente dependente de uma melhor distribuição de renda, que elevaria a renda per capita. Com uma melhor distribuição de renda, a propensão a poupar aumentaria, reduzindo desta forma o consumo conspícuo derivado do “efeito demonstração” (Singer, 1988, p. 171).

Tal afirmação de Paul Singer não significa exatamente que a poupança é igual ao investimento. Na verdade o autor chama a atenção para o fato de que o financiamento para o desenvolvimento econômico está disponível na economia nacional, e que por meio de uma melhor distribuição de renda (e seus efeitos), seria possível canalizar tal poupança para o SMI com fins de investimento.

Importantes entraves ao desenvolvimento de uma nação que não podem ser resolvidos pelas variáveis econômicas são os obstáculos institucionais, territoriais e demográficos. Por exemplo, a manutenção de uma estrutura de poder, uma população pequena que não possibilita escala suficiente para o estabelecimento de uma indústria, o tamanho do país, a propriedade da terra, dentre outros (Singer, 1988, p. 227).

Assim, o desenvolvimento em Paul Singer apresenta uma concepção muito mais ampla do que apenas a realização da Revolução Industriais e seus efeitos diretamente econômicos. O desenvolvimento também implica numa mudança nas variáveis não- econômicas, como por exemplo, a estrutura de poder, a estrutura fundiária, a variável política, etc.

2 O urbano: conceito, complexidade e escalas

• O que é o urbano?

Vale ressaltar que “A origem da cidade se confunde, portanto, com a origem da sociedade de classes, a qual, no entanto a precede historicamente” (Singer, 1980, p. 13). Dessa forma, a bipolaridade entre o campo e a cidade são

um efeito secundário, “superestrutural” da luta de classes^{8,9} (Singer, 1980, p. 12). O campo cria um excedente que é comercializado, transformado industrialmente e redistribuído para a cidade, mostrando assim a superioridade do urbe sobre o campo (Singer 1980, p. 27).

Paul Singer afirma que o desenvolvimento (no sentido em que emprega, qual seja, o da Revolução Industrial) provocou um processo de crescimento das cidades e do mercado urbano. Sugere-se que este argumento é ilustrativo da influência de Myrdal, no que tange ao processo de causação circular cumulativo. Com efeito, num mercado urbano em crescimento os camponeses são estimulados a comercializar o excedente, sendo que o dinheiro adquirido com a venda deste excedente por parte dos agricultores é utilizado para comprar produtos urbanos, o que possibilita uma nova expansão da indústria, da cidade e do mercado (Singer, 1977, p. 118-119).

Dessa forma, ocorre uma concentração espacial das atividades no urbano. Neste movimento concentrador, os arranjos institucionais que possibilitam às empresas industriais se livrarem do ônus decorrente da irracionalidade - vale dizer, da “anarquia da produção” – fazem com que façam usufruto das economias de aglomeração enquanto o conjunto da sociedade, e principalmente a classe mais pobre, carregam as deseconomias de aglomeração (Singer, 1980, p. 36).

Tudo leva a crer que a urbanização assume características próprias no capitalismo, na medida em que este cinda as perspectivas micro e macro-econômicas, fazendo com que as decisões locacionais sejam tomadas apenas em função da primeira (Singer, 1980:37). Como mostra Gunnar Myrdal, as regiões favorecidas não cessam de acumular vantagens e os efeitos de difusão do progresso se fazem sentir num âmbito territorial relativamente acanhado. A população das áreas desfavorecidas sofre, em conseqüência, um empobrecimento relativo: o arranjo institucional faz com que participem do processo de acumulação sem que possam beneficiar-se dos seus frutos (Singer, 1980, p. 37-38).

(8) Também vale destacar a seguinte passagem que elucida as formas de coação da classe dominante sobre o excedente alimentar produzido no campo: “(...) a cidade é o modo de organização espacial que permite à classe dominante maximizar a transformação do excedente alimentar, não diretamente consumido por ele, em poder militar e este em dominação política” (Singer, 1980, p. 15).

(9) Com o aumento da divisão do trabalho, a distinção entre campo e cidade começa a perder sentido, pois a maior parte da população rural começa a se dedicar a “funções urbanas”. Contudo, Paul Singer se isenta de tal discussão, conforme pode ser visto em Singer (1980:27). A discussão sobre essa escala espacial intermediária entre o rural e o urbano, a saber, o “rurbano” pode ser observada em Veiga (2001) e Graziano (2001).

A aglomeração industrial ocorre devido à necessidade da utilização de uma mesma infra-estrutura de serviços, tais como a água, transportes, comunicações, bem como de economias externas (Singer 1980, p. 32). Vale destacar que uma distribuição harmoniosa da indústria num determinado espaço só poderia ocorrer caso a lógica não fosse a da empresa individual, que executa o investimento privado, mas a de um planejamento global que oriente os novos investimentos com um fim pré-estabelecido (Singer, 1977, p. 74).

Contraopondo essa, digamos, visão utópica de possibilidades de organização do espaço por uma ordem maior que seria o Estado, recorremos a Oliveira (2006), quando afirma que não é o planejamento que planeja o capitalismo, mas sim que o capitalismo é quem planeja o planejamento, assim, prevalece no sistema capitalista de produção uma “anarquia da produção”!

• **Metrópoles, Rede Urbana e Hinterlândia**

O estudo sobre o urbano a partir de Paul Singer possibilita uma visão em múltiplas escalas, pois os recortes espaciais e suas articulações estão sempre presentes no decorrer de suas análises teóricas e concretas. Da escala mais ampla para a mais específica nota-se um recorte entre o urbano nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, dando ênfase à perpetuação da situação de dependência e marginalidade. “Descendo” as escalas, encontram-se as redes urbanas, as metrópoles, a hinterlândia, e, por fim, o próprio centro urbano

Como visto anteriormente o urbano não produz alimentos, compra-os do campo, o que manifesta uma divisão social do trabalho. As regiões tributárias dos centros urbanos compõem a sua *hinterlândia* (Singer, 1977). As relações estabelecidas entre o campo e a cidade demonstram uma dicotomia, pois o urbano extrai o mais-produto do campo, como discutido anteriormente.

Além disso, observando-se do ponto de vista econômico, existe uma relação de trocas entre as diferentes cidades. Estas cidades se especializam na produção de diversas formas diferentes, seja por motivos políticos, rede de transportes, econômicos, migratórios, etc. Esse sistema de trocas determina o crescimento do tamanho de um conjunto de cidades forma a rede urbana. Nesse sentido, Singer (1980, p. 142) argumenta que “A rede urbana pode ser encarada

como um complexo sistema circulatório entre núcleos de funções diferentes”¹⁰.

O desenvolvimento das cidades, seu crescimento e o aumento da divisão interurbana do trabalho dão origem às metrópoles. Nas metrópoles, segundo Paul Singer (1980, p. 147), há um conjunto de serviços culturais e especializados que só é possível dado a sua grande densidade populacional, mesmo que somente um número pequeno de pessoas tenha acesso a tais bens.

Cabe destacar que cada metrópole apresenta uma diferente “vocação” e deve explorar este aspecto, sendo que esta vocação pode ser determinada pelo acesso aos recursos naturais, história, etc. O planejamento metropolitano, na leitura de Paul Singer (1980, p. 151), apresenta um papel central, uma vez que se “determine a natureza e a importância das atividades de exportação da metrópole, suas potencialidades de expansão, e identifique as “áreas-problema” e o tipo de solução que pode ser aplicado”.

Contudo, pergunta-se, em grande parte com base no próprio Paul Singer: qual a correlação de forças? Os aspectos institucionais foram superados para que se dê o desenvolvimento? Quem se apropria do espaço? Quem planeja o capitalismo? Existe a possibilidade real de planejamento, sobretudo nos centros urbanos? Fica a sensação de que Paul Singer crê na possibilidade de transformação nacional através do Estado, sobrepondo-se às determinações mais gerais do capital.

Numa escala acima da metropolitana, Scott et al. (2001) identificaram as cidades-regiões globais. Esta nova denominação diz respeito àquelas cidades que apresentam importância global, que apresentam altos níveis de incerteza, instabilidade e complexidade. Esta escala poderia ser adicionada para na análise e enriquecer uma possível análise do urbano atual com base no esquema metodológico elaborado por Paul Singer.

(10) Identifica-se aqui uma passagem que lembra o funcionamento do fluxo circular discutido por Schumpeter, o que pode sugerir uma certa influência deste autor em Paul Singer, mesmo que não tenhamos indicações de tal influência: “Da mesma forma que a circulação sanguínea de uma criança que, embora simultaneamente com o seu crescimento, ou, digamos, com alterações patológicas ocorridas nos seus órgãos, pode, todavia, ser isolada e tratada como um fenômeno real distinto, e todo analista e todo homem de negócios realmente o tratam assim (...) uma coisa é administrar um edifício existente e outra é colocá-lo abaixo e substituí-lo por outro de tipo diferente” (Schumpeter in Carneiro, 2003, p. 77).

3 População e migrações e sua importância para o desenvolvimento

• As transformações no setor de subsistência no processo de desenvolvimento e a crítica a Malthus

O desenvolvimento econômico identificado como a Revolução Industrial e suas mudanças estruturais coloca o desenvolvimento produtivo e a variável Investimento com papel de destaque. Vale identificar, nesse sentido, o papel da população para o desenvolvimento produtivo, sendo que Paul Singer (1988, p. 67-68) divide os significados entre “investimentos demográficos” e “investimentos econômicos”.

Os “investimentos econômicos” são aqueles que elevam a renda per capita da população. Por outro lado, os “investimentos demográficos” estão relacionados com o crescimento da população que pode levar a consideráveis ganhos de escala e elevar o produto *per capita*. Nesse sentido, vale considerar também na análise os “investimentos demográficos”.

Assim vale destacar a crítica a Malthus:

As relações entre o nível de renda e crescimento populacional se apresentam hoje de modo muito mais complexo do que, digamos, nos tempos de Malthus. Este supunha que a fertilidade seria sempre elevada, e que a mortalidade é que variaria com o nível de renda, sendo conseqüentemente o fator responsável pelas variações da taxa de crescimento vegetativo. Na fase final do desenvolvimento, no entanto, é de se esperar que a mortalidade seja baixa e pouco dependa do nível de renda, já que ela tende a ser o resultado de medidas de saúde pública atingem a todos, sem distinção de status econômico. Conseqüentemente, o crescimento da população vai depender predominantemente do comportamento da fertilidade. O seu declínio sói ser resultado de casamentos mais tardios e do uso de métodos anticoncepcionais (Singer, 1988, p. 188).

Para que ocorra o desenvolvimento, como dito anteriormente, é necessário que o setor de subsistência produza cada vez mais um excedente alimentar e que abasteça o setor de mercado interno. Assim, o uso de técnicas agrícolas mais avançadas e a mecanização, ou seja, o progresso técnico no campo contribui para o aumento da rentabilidade da terra. Nos países em que prevalece a “tenência da terra” a reforma agrária se faz urgente para que o processo de desenvolvimento possa prosseguir. É de se esperar que com a reforma agrária, o progresso técnico no campo se eleve.

Vale destacar:

Pode-se concluir, pois, que superpopulação e subemprego no campo, onde de fato são encontrados, não resultam de excessivas densidades demográficas mas da distribuição desigual da propriedade do solo, que “produz” um “exército de reserva” de trabalhadores agrícolas ao impedir a aplicação mais ampla de métodos intensivos de cultivo (Singer, 1988, p. 102).

Caso a reforma agrária não ocorra e com ela o progresso técnico, é de se esperar que a população no setor de subsistência cresça, pois a atividade agrícola necessitará cada vez mais de mão-de-obra para o incremento de sua produção (Singer, 1988, p. 102-103).

O conceito de “modernização” ajuda a entender as transformações sociais e culturais que ocorrem no setor de subsistência com o processo de desenvolvimento. Destaca-se a mudança na estrutura da família rural, no papel do homem, da mulher e das crianças. A integração com o mercado traz, por outro lado, uma integração social e cultural, na qual as mudanças no comportamento reprodutivo aludem a uma questão que faz parte de um processo maior. Assim, a “transformação do SS, levando à sua desaparecimento como setor separado da economia e a “modernização” de sua estrutura social é uma das mais importantes realizações do desenvolvimento” (Singer, 1988, p. 136).

• **Desenvolvimento regional e migrações internas em Paul Singer**

Uma primeira constatação relevante para o entendimento das migrações, segundo a leitura a partir de Paul Singer, é captar os limites da configuração histórica em que esse processo ocorre (Singer, 1980, p. 31).

De acordo com Paul Singer, em sua análise teórica sobre o processo de migrações existem os fatores de atração e expulsão, sendo que os fatores de expulsão são divididos em fatores de mudança e estagnação. Cabe destacar:

Como mostra Gunnar Myrdal, as regiões favorecidas não cessam de acumular vantagens e os efeitos de difusão do progresso se fazem sentir num âmbito territorial relativamente acanhado. A população das áreas desfavorecidas sofre, em consequência, um empobrecimento relativo: o arranjo institucional faz com que participem do processo de acumulação sem que possam beneficiar-se dos seus frutos (Singer, 1980, p. 38).

Os fatores de mudança são aqueles decorrentes do próprio modo de produção capitalista, do processo de industrialização, tendo por conseqüência o tamanho absoluto da população rural. Como exemplo, podemos citar os “enclousures” na Inglaterra. Fazem parte deste conjunto a expropriação de camponeses, expulsão de mão-de-obra não camponesa que tem por objetivo aumentar a produtividade do trabalho e acarreta aumento do desemprego.

Os fatores de estagnação são aqueles decorrentes da disponibilidade de terras para o cultivo, seja por uma limitação territorial, seja pela monopolização da propriedade do solo. Como exemplo, pode-se citar o sertão brasileiro. A emigração ocasionada pelos fatores de estagnação visa reduzir, no mínimo, o acréscimo populacional, sendo relacionada com a incapacidade dos produtores em aumentar a produtividade do solo. De acordo com Paul Singer, as regiões que apresentam emigrações ocasionadas pelos fatores de estagnação geralmente apresentam elevadas densidades demográficas e potencial de mobilização política, o que leva à reivindicação pelo desenvolvimento regional (Singer, 1980, p. 37-40).

Se, por um lado, existem aquelas regiões cuja população emigra, por outro lado, as regiões que recebem esta população apresentam o que ficou chamado de fatores de atração. O fator de atração mais importante é a demanda por força de trabalho derivado das atividades industriais e dos serviços públicos, privados ou autônomos. Essa demanda é uma função do tamanho e da composição do produto gerado pela economia urbana.

Ocorre que nos países subdesenvolvidos grande parte desta população que migra para o urbano, reproduz certas condições de subsistência ou se tornam empregados domésticos que, do ponto de vista da produção capitalista, pode ser considerado como um “falso emprego” (Singer, 1980, p. 47). Assim, as migrações podem contribuir muito pouco para o desenvolvimento urbano, de fato que este argumento reforça a idéia colocada anteriormente sobre a apropriação do espaço.

Pelo exposto a sugestão de pesquisa para as migrações colocada por Paul Singer se dá no seguinte modo: (1) causa e motivos das migrações¹¹ (2) o processo

(11) Isso porque “Se se admite que a migração interna é um processo social, deve-se supor que ele tenha causas estruturais que impelem determinados grupos a se pôr em movimento. Estas causas são quase sempre de fundo econômico – deslocamento de atividades no espaço, crescimento diferencial da atividade em lugares distintos e assim por diante – e atingem os grupos que compõem a estrutura social do lugar de origem de um modo diferenciado” (Singer, 1980, p. 51).

social que motiva as migrações(3) conseqüências das migrações (4) migrações e marginalidade.

Assim, a complexidade do urbano poderá ser compreendida através do determinante primeiro que é a realização da Revolução Industrial que ocorre no urbano e os movimentos migratórios decorrentes dos fatores de atração e expulsão e suas implicações sociais e históricas.

Conclusões

Esta seção se inicia com uma discussão a partir de Vilmar Faria (1978) porque este autor buscou uma metodologia para o urbano e, a partir de tal análise, realizar-se-á uma avaliação final da obra de Paul Singer. A breve análise que se pretende realizar toma como hipótese a seguinte pergunta: Paul Singer respondeu às principais questões levantadas por Vilmar Faria? Mas, brevemente, qual é a proposta de Vilmar Faria?

O urbano é um objeto complexo de análise que deve ser observado nas suas múltiplas determinações, tais como social, cultural, histórica, demográfica, econômica e política sendo impossível, dessa forma, estabelecer uma “ciência do urbano”. Assim, no quadro dos conflitos metodológicos, o urbano aparece como um esforço na construção de objetos de conhecimento e a análise de situações concretas (Faria, 1978).

A articulação da problemática sociológica do urbano implica na avaliação (1) da dinâmica e estrutura populacional, (2) estruturação, apropriação e consumo do espaço urbano, (3) produção e repartição do produto social. Estas observações devem ser avaliadas à luz de uma sistematização da divisão social do trabalho e de uma inserção subordinada das economias periféricas (Faria, 1978).

Faria (1978), embora faça elogios aos estudos realizados, acusa Paul Singer de realizar uma periodização essencialmente “industrialista” do urbano e que seria necessário maior ultrapassar esta visão, dando maior atenção para a determinação de periodizações das transformações na agricultura e das atividades financeiras no país. Não nos cabe contra-argumentar a argumentação de Vilmar Faria, mas somente questionar se ao captar o essencial do desenvolvimento, Paul Singer não teria uma periodização já bastante rica para interpretar o (sub)desenvolvimento brasileiro.

De acordo com os argumentos apresentados, Paul Singer apresenta uma metodologia aplicável ao urbano que apresenta um enfoque globalizador do processo de desenvolvimento, respondendo a todas as questões centrais para a análise do urbano sugeridas acima por Faria (1978).

A possibilidade de estudo da complexidade com base no estudo do desenvolvimento econômico, do urbano e da população contribuem para o entendimento que enxerga a realidade das economias subdesenvolvidas e reveste-se de grande importância para, inclusive, a busca por modificações concretas da realidade. Dentre eles se destacam as reformas necessárias no plano econômico que não foram resolvidas conforme a análise de Tavares (1999) que foi citado no início do texto.

Muitas das contribuições de Paul Singer, que foram realizadas na década de 1960 podem ser utilizadas e adaptadas para o urbano atual no Brasil, embora o país e o mundo estejam inseridos numa fase de diferente do capitalismo, a da finança globalizada, cuja entrada no Brasil remonta à Crise Fiscal e Financeira do Estado na década de 1980. Esta nova fase do capitalismo levanta novas perguntas para a compreensão do urbano, dentre as quais, de forma tímida, buscamos realizar uma aproximação.

Vale destacar que o Brasil passa por um processo importante de transformações, sobretudo no urbano. Os grandes projetos de mudança de várias cidades brasileiras para o recebimento das principais competições esportivas do mundo, a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, implicam numa análise das transformações no urbano na qual, julga-se, a análise de Paul Singer pode contribuir.

Referências bibliográficas

BRAGA, J. C. S. Financeirização global - o padrão sistêmico de riqueza no capitalismo contemporâneo. In: TAVARES, M. C.; FIORI, J. L. *Poder e dinheiro: uma economia política da globalização*. Ed. Vozes, 1997.

BRANDÃO, C. A. *Território & Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o global e o local*. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

_____. *Acumulação primitiva permanente e desenvolvimento capitalista no Brasil contemporâneo*, 2009. Mimeo.

CANO, W. *Desconcentração produtiva regional do Brasil (1970/2005)*. E d. UNESP, 2008.

CASTELLS, M. *A questão urbana*. Ed. Paz e Terra, 1983.

CARNEIRO, R. (Org). *Os clássicos da economia*. Ed. Ática, 2003. 2 v.

CHESNAIS, F. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: _____ (Org.). *A finança mundializada*. Ed. Boitempo, 2005.

COMIN, A. *A desindustrialização truncada: perspectivas do desenvolvimento econômico brasileiro*. Tese (Doutorado)-Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

COSTA FILHO, A. Paul Singer. *Estudos Avançados*, São Paulo, USP, n. 15, n. 43, 2001.

FARIA, V. Cinquenta anos de urbanização no Brasil: tendências e perspectivas. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 29, p. 98-119, 1991.

_____. O processo de urbanização no Brasil: algumas notas para seu estudo e interpretação. In: ENCONTRO DA ABEP, 1, 1978. *Anais...* p. 89-110.

FERNANDES, F. Prefácio. In: SINGER, P. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 1977.

FIORI, José L. O nó cego do desenvolvimentismo brasileiro. *Novos Estudos*, n. 40, p. 125-144, 1994.

GRAZIANO, J. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. In: SEMINÁRIO SOBRE O NOVO RURAL BRASILEIRO, 3, Campinas, 2001.

HAGUENAUER, L. et al. *Evolução das cadeias produtivas na década de 90*. IPEA, 2001. (Texto para discussão, n. 786). Disponível em: <www.ipea.gov.br>. Acesso em: 1 dez. 2009.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. Ed. Companhia das Letras, 2006.

IEDI. *Indústria: um jogo ainda a ser jogado*. IEDI, 2008. Disponível em: <www.iedi.org.br>. Acesso em: 1 dez. 2009.

_____. *Ocorreu uma desindustrialização no Brasil?* São Paulo: IEDI, 2005. Retirado de: <www.iedi.org.br>. Acesso em: 1 jun. 2009.

_____. *Desindustrialização e dilemas do crescimento econômico recente*. São Paulo: IEDI, 2007. Retirado de: <www.iedi.org.br>. Acesso em: 1 jun. 2009.

LESSA, C.; DAIN, S. Capitalismo associado: algumas referências para o tema Estado e desenvolvimento. In: BELLUZZO, Luiz G.; COUTINHO, Renata. *Desenvolvimento capitalista no Brasil: ensaios sobre a crise*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MANTEGA, G.; REGO, J. M. *Conversas com economistas brasileiros II*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARQUES, R.; NAKATANI, P. *O que é capital fictício e sua crise*. Ed. Brasiliense, 2010.

OLIVEIRA, F. O Estado e o urbano no Brasil. *Espaço e Debates*, v. 6, p. 36-54, 1982.

_____. *Noiva da revolução/Elegia para uma re(li)gião*. Ed. Boitempo, 2008.

PARK, Robert E. Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio (Org.). *O fenômeno urbano*. Ed. Zahar, 1991.

SILVA, C.A. O capital incorporador e a segregação social do espaço urbano. *Boletim Goiano de Geografia*, jan./dez. 1992.

SINGER, P. *Curso de introdução à economia política*. Ed. Forense Universitária, 1991.

_____. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

_____. *Dinâmica populacional e desenvolvimento*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988.

_____. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 1977.

SCOTT, A. et al. Cidades-regiões globais. *Espaço & Debates*, n. 41, 2001.

SCHUMPETER, J. A. A instabilidade do capitalismo. In: CARNEIRO, R. (2003).

VANNUCHI, P.; SPINA, R. Memória: Paul Singer. *Teoria e Debate*, São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo, n. 62, abr./maio 2005.

VEIGA, J. E. Desenvolvimento territorial do Brasil: do entulho varguista ao zoneamento ecológico e econômico. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEC, 2001. *Anais...*

TAVARES, M. C. Império, território e dinheiro. In: FIORI, J. L. *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Ed. Vozes, 1999.

_____; FIORI, J. L. *Poder e dinheiro: uma economia política da globalização*. Ed. Vozes, 1997.